

**AQUI
MORREU
UMA
MULHER**



ALENTEJO

INFORMAÇÃO E APOIO A VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

ÂMBITO NACIONAL

Teleassistência a Vítimas de Violência Doméstica

Telef.: 217 983 000

cig.tassistencia@cig.gov.pt

<https://www.cig.gov.pt/teleassistencia-a-vitimas-de-violencia-domestica/>

Serviço de Informação às Vítimas de Violência Doméstica

Telef.: 800 202 148 (gratuito)

Linha Nacional de Emergência Social

Telef.: 144

Linha Europeia de Emergência

Telef.: 112

APAV - Linha de Apoio à Vítima

Telef.: 116 006 (chamada gratuita) | Funcionamento: 9h-21h

AMCV - Associação de Mulheres Contra a Violência

Telef.: 213 802 160 / 213 802 165 | Funcionamento: 10h-18h

UMAR - Linha de Apoio Almada

Telef.: 212 942 198 | Funcionamento: 9,30h-17,30h

UMAR - Linha de Apoio Porto

Telef.: 222 025 048 | Funcionamento: 9,30h -17,30h

Espaço Júlia RIAV/Resposta Integrada de Apoio à Vítima - Lisboa

Telef.: 210 179 284 | Funcionamento: 24h/24h

ALENTEJO

Beja

SNAVVD (Associação de Mulheres do Concelho de Moura - Moura Salúquia)

Telef.: 284 341 726 - 968 441 691 | Funcionamento: 9h-12,30h e 13,30h-17h

Odemira

Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) - Taipa

Telef.: 969 861 953 | Funcionamento: 9h-13h e 14h-17,30h

Aljezur

Gabinete de Apoio à Vítima (GAVA) - Taipa

Telef.: 924 467 767 | Funcionamento: 9h-13h e 14h-17,30h

Aljustrel

Gabinete VERA - ESDIME

Telef.: 932 950 015 | Funcionamento: 9,30h-12h e 14h-17,30h

Almodôver - 2ª feira

Castro Verde - 3ª feira

Ourique - 4ª feira

Ferreira do Alentejo - 5ª feira

Évora

NAVVD Évora (Cáritas)

Telef.: 266 739 890 | Funcionamento: 9h-12,30h e 14h-18h

Portalegre

NAVVD (Cruz Vermelha Portuguesa)

Telef.: 245 366 077 - 963 043 719 | Funcionamento: 9h-12,30 e 14h-17,30h

Ponte de Sor

Gabinete de Apoio à Vítima do Alentejo Oeste (APAV)

Telef.: 242 094 732 | Funcionamento: 13h-17,30h

Santarém

Gabinete de Apoio à Vítima (APAV)

Telef.: 243 356 505 | Funcionamento: 14h-19h

Nota: NAVVD - Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica

TRÁFICO DE SERES HUMANOS

Equipa Multidisciplinar Especializada/EME de Assistência a Vítimas de Tráfico (APF) - Alentejo

Telef.: 918 654 106

EME Algarve

918 882 942

Equipa Nacional

964 608 288

Linha SOS Imigrante + Serviço de Tradução Telefónica

Telef.: 808 257 257 - 218 106 191 | Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 9h-19h

Linha SOS Criança Desaparecida, do IAC

Telef.: 116 000

A **ANIMAR - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local** tem, desde a sua constituição e nas suas prioridades, as questões relacionadas com a Igualdade de Género e de Oportunidades, vindo a reforçar a sua intervenção diretamente na sociedade desde 2005, ano em que foi entidade disseminadora no âmbito do projeto *Con-Vidas - Promoção da Conciliação entre a Vida Profissional e Familiar* (financiado pela IC Equal), mas também com o projeto *+Igualdade - Desenvolvimento Local Rumo à Mudança* (financiado pelo POEFDS), entre vários outros que se seguiram.

Mais recentemente com apoio do POPH (Programa Operacional de Potencial Humano), a ANIMAR empenhou-se particularmente na dinamização do **Dia Municipal para a Igualdade** – como entidade coordenadora – e, no âmbito do projeto Roteiro Cidadania em Portugal, desenvolvido em parceria com a Secretária de Estado da Cidadania e Igualdade, trabalhou ao longo de um ano a sensibilização de comunidades por todo o território nacional. E foi assim que a Exposição “**Aqui Morreu Uma Mulher**”, baseada no trabalho dos jornalistas Teresa Campos e José Carlos Carvalho, da revista *Visão*, saiu de Lisboa para começar a ser mostrada por todo o País.

A Exposição está agora disponível no âmbito do projeto **#Parar, Pensar, Agir pela Igualdade#**, nas regiões Centro e Alentejo, e continua a revelar-se uma importante ferramenta de sensibilização para o fenómeno da Violência Doméstica. Desde 2004 que a violência doméstica já contabilizou quase meio milhar de femicídios, em situações em que os assassinos são maridos, ex-maridos ou companheiros das vítimas. E, só nos primeiros seis meses deste ano (2018) foram mortas em Portugal 16 mulheres, a esmagadora maioria em sua própria casa.

A ANIMAR mantém-se, pois, empenhada na divulgação da Exposição, a qual continua a sensibilizar muitos jovens e menos jovens e tem servido para apoiar o debate em torno da violência doméstica em Portugal, fenómeno ainda longe de estar erradicado.

Setembro 2018

A Direção da ANIMAR



PREFÁCIO

#PARAR, PENSAR, AGIR PELA IGUALDADE#

A violência doméstica, especialmente a que ocorre em contexto de relações de intimidade, constitui uma das principais causas de morte e de ferimentos em mulheres em todo o mundo. O homicídio conjugal, enquanto expressão extremada desta violência, tem sido fortemente mediatizado, estimulando a discussão e o debate em torno dos contextos, das relações e das políticas públicas em matéria de prevenção e combate, efetivo, à violência doméstica.

Ao invés do homicídio cometido por desconhecidos, o homicídio conjugal – ou femicídio, considerando que é tipicamente um crime perpetrado por homens contra as mulheres – não é um crime imprevisto. Este traduz, frequentemente, o culminar de uma história de abusos e de violência, nem sempre reportado às autoridades policiais e judiciais, mas quase sempre do conhecimento dos vizinhos ou da família.

Os vários estudos sobre estas matérias apontam para a clara relação entre um historial de violência conjugal e o femicídio. Por outro lado, o desejo de domínio por parte do homem está presente na origem, daí a esmagadora maioria das vítimas serem mulheres, numa sociedade ainda estruturalmente patriarcal e em que a igualdade de género está longe de ser uma realidade plena e atuante.

Dezoito anos depois da violência doméstica ser considerada crime público, a maioria das mulheres assassinadas tem entre 35 e 65 anos e esse crime ocorre, quase sempre, no contexto das relações de intimidade.

Assim, o Governo Português tem tido como prioridade promover respostas de política pública que previnam e eliminem todas as formas de violência contra as mulheres e raparigas, incluindo uma forte ação contra a violência doméstica, o tráfico de seres humanos e a mutilação genital feminina. Dar visibilidade pública a este fenómeno trágico tem sido também parte desta estratégia, designadamente através de campanhas de sensibilização, para a consciencialização da sociedade.

A exposição “Aqui morreu uma mulher” foi uma iniciativa da Revista *Visão*, que fotografou os locais onde, em 2015, 28 mulheres morreram às mãos de maridos, namorados ou companheiros. O Governo associou-se desde logo a esta iniciativa, que vai ao encontro dos objetivos referidos, tendo a exposição sido lançada em Lisboa, no dia 8 de março de 2016, contando com a presença do Primeiro-ministro António Costa, da Ministra da Justiça, Francisca van Dunem, do então Ministro-adjunto com a tutela da Igualdade, Eduardo Cabrita e da então Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Catarina Marcelino. O Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa fez também questão de marcar presença visitando mais tarde a exposição patente no Largo do Camões.

Posteriormente a exposição tem percorrido várias cidades do país, com o intuito de contar as histórias destas mulheres que viram as suas vidas interrompidas, quase sempre precocemente e de modo dramático, em contexto de violência doméstica. A CIG congratula-se, por isso, com esta iniciativa da ANIMAR que, através do projeto **#Parar, Pensar, Agir pela Igualdade#** promove esta publicação que permitirá levar a exposição a cada vez mais pessoas, porque é necessário o contributo de todos e de todas para que a nossa seja uma sociedade igualitária e livre de violência sobre as mulheres.

Teresa Fragoso, Presidente
Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género



QUANDO UMA REPORTAGEM GANHA VIDA PRÓPRIA

Foi há mais de dois anos, no Dia Internacional da Mulher, que o trabalho **Aqui Morreu Uma Mulher** deixou de ser apenas um artigo na revista *VISÃO* para se tornar uma exposição. Em regra, seriam páginas que duram pouco mais do tempo de vida útil duma edição. Pouco depois, partimos para nova indignação, como a que despertou esta reportagem e que entretanto ganhou vida própria.

Inaugurada no Largo de Camões, em Lisboa, em 2016, haveria de ir ao Porto e a Viana do Castelo, a Sintra e a Peniche, antes de seguir para Viseu. E de novo voltar à estrada, integrada no Roteiro Cidadania em Portugal*, uma parceria do Governo e da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local (ANIMAR), que visa colocar as redes e comunidades locais a discutir os temas da cidadania, da participação cívica, o combate às desigualdades ou as discriminações. Como disse a então secretária de Estado da Cidadania e Igualdade, Catarina Marcelino, o tema continuará atual enquanto morrerem mulheres neste país às mãos de namorados, maridos ou companheiros.

E assim chegámos aqui: em 2014, a contagem que nos levou a assinalar os acontecimentos do ano seguinte, morreram 42 mulheres. Em 2015, somámos 28. Um ano depois, os números apontavam uma média de duas por mês. No ano passado, foram mais 20, além de 28 tentativas de homicídio. Em 2018, só nos primeiros seis meses do ano, os valores já vão nas 16, todas mulheres mortas em casa e com recurso a violência física, com facas ou por asfixia. E agora apetece citar aquela velha mas certa frase batida: enquanto houver estrada para andar, a gente vai continuar. A denunciar esse crime que ceifa as vidas de mulheres à nossa volta.

Teresa Campos, Jornalista *VISÃO*

**Em 2018, a Exposição integra o projeto da ANIMAR
#Parar, Pensar, Agir para a Igualdade#*



AUTORIA:

Teresa Campos, jornalista desde 1994, faz parte da redação da *VISÃO* desde 2001, tendo coordenado a edição online da *Visão Júnior*, depois um canal sobre Envelhecimento Ativo e outro sobre Cidadania. A partir de 2007 passou a acompanhar a pasta da Educação, sempre espreitando outros temas da área social. Em reportagem esteve nas Selvagens e na Lapónia, no Canadá e na Índia. Acompanhou resgates de migrantes ao largo da Líbia, mas também uma traineira que pretendia furar o bloqueio à Palestina. Ganhou vários prémios com reportagens.

Em 2015, propôs à direção da *VISÃO* retratar os casos de morte por violência doméstica no país durante aquele ano, reportagem que culminou na exposição **Aqui Morreu Uma Mulher**, inaugurada no Dia Internacional da Mulher, no Largo do Carmo, em Lisboa.

José Carlos Carvalho tem o curso de fotografia da Ar.Co e em 1991 iniciou a sua carreira na imprensa regional. Em 1993 foi convidado a ingressar no *Correio da Manhã* e em 1998 foi para repórter fotográfico do *Diário de Notícias*, onde foi editor de fotografia. Em 2007 foi para a revista *Visão* onde trabalhou em exclusividade até Abril de 2014. Atualmente, faz parte do Núcleo de fotografia da Impresa e trabalha para o *Expresso* regularmente. Leciona no Instituto Português de Fotografia e no Instituto Politécnico de Tomar.

Vencedor de vários prémios de fotografia, realizou várias exposições individuais e coletivas. É também autor e co-autor de livros.



19 de janeiro
JUDITE FERNANDES
84 anos
Sintra

A história chegou a ser apontada como uma versão moderna de Romeu e Julieta, um par inseparável, na vida e na morte. No dia em que os corpos foram descobertos, num anexo da casa, dizia-se pela vizinhança que Mário Fernandes, 77 anos, se teria suicidado após ter encontrado a mulher, doente de Alzheimer, sem pulso. A sofrer de uma depressão grave, e debilitado com alguns problemas cardíacos, o marido nem hesitara a juntar-se-lhe e punha fim à vida. A tese foi depois prontamente desmontada: a análise minuciosa feita ao corpo da mulher revelaria que morrera estrangulada. Reformados, ela peixeira, ele ourives, viviam sozinhos em Mem Martins, Sintra. Meses depois, a casa permanecia fechada.



22 de janeiro
MARIA CREMILDA PINHEIRO
52 anos
Setúbal

Um telefonema da advogada da mulher, a questioná-lo sobre a divisão dos bens depois do divórcio, foi o rastilho para João Pinheiro, 52 anos, esfaquear Cremilda até à morte. O prédio bem arranjado, junto ao estádio, na zona nova de Setúbal, não anuncia tragédias destas – muito menos a porta com a inscrição *A Sua Segurança Começa Aqui*: no segundo andar, Maria Cremilda Pinheiro, 52 anos, não sobreviveria à fúria. Após a tal discussão, a vítima refugiou-se na esquadra da PSP e apresentou queixa, para depois regressar ao local do crime, acompanhada pelas autoridades. O homem, bancário, esperava-a, mas a polícia considerou que a situação era de baixo risco. Meia hora depois, ela morria esfaqueada; ele ficou em prisão preventiva.



24 de janeiro
ISABEL FIGUEIREDO
60 anos
Lamego

Isabel Figueiredo, 60 anos, já estava separada quando apresentou queixa por violência doméstica na PSP de Lamego contra o ex-marido, Rui Canelas, de 61 anos.

Acabou por aceitar retirá-la depois de o empresário, que comercializava frutas e vinho, lhe pedir desculpa. O casal estava divorciado há um ano, mas o homem não se conformava e as ameaças vinham a subir de tom. A dada altura, disse-lhe que a matava se ela não voltasse para casa. Isabel regressou à PSP para reativar a queixa mas o processo foi ultrapassado pelos acontecimentos. Ao início da tarde, quando o relógio de sol marcava as duas horas, saiu de casa para fazer uma caminhada com uma amiga.

O homem seguiu-a, parou o jipe junto da duas e, depois de uma azeda troca de palavras, sacou da arma e atingiu a ex-mulher com três tiros na cabeça. O corpo do atirador, que se suicidou com a mesma arma, ficou na mesma estrada. Deixaram dois filhos maiores.



29 de janeiro
MARIA LEONOR SOUSA
67 anos
Amarante

O caso repete-se no lugar de Pidre, Mancelos, Amarante. Um homem de 69 anos matou a mulher, Maria Leonor Sousa, de 67, suicidando-se em seguida.

Foi pelas 3h45 que o posto de GNR de Vila Meã recebeu o telefonema de um homem a comunicar que tinha matado a mulher e que iria suicidar-se depois. O militar que o atendeu alertou de imediato a patrulha, enquanto tentava, sem sucesso, demover o homem da intenção. A chamada cairia, entretanto. Quando chegaram ao local, encontraram a mulher morta, com ferimentos na cabeça e no pescoço.

O homem estava enforcado, num anexo da habitação: soube-se depois que lhe tinha sido diagnosticado um cancro terminal e que ele recusou o tratamento, assinando um termo de responsabilidade.



25 de fevereiro
CONCEIÇÃO TAVARES
40 anos
Seixal

Conceição tinha um encontro naquela manhã. O local era um terreno baldio junto à estação de comboios de Foros da Amora, no Seixal. O homem, um pedreiro de 45 anos, e a vítima, de 40, eram os dois casados e mantinham uma relação extraconjugal. Suspeitando que a mulher teria um terceiro homem, o pedreiro assassinou-a com o cabo de uma marreta das obras.

Naquele dia, Conceição, que arranjava emprego como cozinheira em Lisboa, saía de casa às seis da manhã para ir trabalhar. O amante, que também fazia o mesmo percurso, propôs-lhe um encontro.

A discussão ditou a cena violenta, com ele a espancá-la violenta e repetidamente. Depois, cobriu o cadáver com vegetação, guardou o telemóvel dela e foi trabalhar. Acabou por largar o telefone num caixote do lixo, em Lisboa. Fez a vida normal até ser detido, dias depois.



2 de março
MARIA ALICE CORGAS
76 anos
Sever do Vouga

O toque de madrugada fazia adivinhar a tragédia. Armando Corgas, de 80 anos, ligou ao filho António pouco passava das 5 da manhã. Contou-lhe que uma discussão com a mulher que amara toda a vida o levava a matá-la. “Matei a tua mãe, desculpa”, disse.

António ainda ligou para um outro irmão, que não atendeu, e então correu para casa dos pais, a cerca de cinco quilómetros. Tarde demais: na casa de dois andares, no lugar da Granja, Rocas do Vouga, Maria Alice, de 76 anos, estava morta, estendida na cama, e Armando caído numa cadeira, na mesma divisão. Ambos tinham sido atingidos a tiro pela caçadeira que o homem legalizara há vários anos. “Mas não foi violência doméstica”, recusa a neta, Patrícia, que continua a zelar pela casa e pelo terreno que a rodeia, “não havia qualquer conflito entre eles.”



3 de março
VÂNIA BRAZ
29 anos
Seixal

André Mestre, 34 anos, gerente de uma loja da família, matou a mulher, Vânia, 29 anos, com uma dezena de facadas, na localidade de Santa Marta do Pinhal. Ao lado da mãe, ficava o filho do casal, de 4 anos, a chorar, enquanto o pai pegava no carro e arrancava até à Ponte 25 de Abril, onde largou a viatura para se atirar ao rio. Os vizinhos confirmavam depois às autoridades que ouviram gritos. Uns eram dele a espancar a mulher com socos e pontapés, enquanto um cão ladrava e um menino chorava; os outros, dela: “Amor, olha o miúdo, em frente dele não!” Por ordem do tribunal, dado haver um processo a decorrer, o corpo acabou por não ser cremado, como previsto, mas sepultado no cemitério Vale Flores, em Almada.



8 de março
MARIA LUÍSA LOURO
78 anos
Coimbra

O cenário é a antiga Residencial Parque, com vista para o Mondego, no centro de Coimbra. António Júlio Louro e a mulher, Maria Luísa, ambos de 78 anos, morreram com tiros de caçadeira, ela primeiro, ele depois. Quem os encontra é o neto, estudante universitário que fora viver com eles nos últimos anos. “Não sei o que lhe passou pela cabeça”, confessa o rapaz, à porta do prédio, há tempos transformado em habitação própria. António Louro era tido como alguém instável e teria sido isso que o levava a tal ato. O jovem abana a cabeça, que não, que aquilo não era violência doméstica, que nunca assistira a nenhuma discussão ou mal-estar entre os dois.



10 de março
MARIA CÂNDIDA RODRIGUES
62 anos
Faro

Tentou defender a filha e pagou-o com vida. Maria Cândida acolhera Patrícia, e duas netas, gémeas, mas não conseguiu afastar o agressor. Miguel Serrano, 29 anos, iludiu a família ao entrar no prédio, no centro de Faro, e depois esperou que a porta de casa se abrisse. A mulher ainda tentou barrar-lhe a entrada mas o homem disparou de imediato. Os três tiros, com cartuchos de bala única, atravessaram a madeira da porta e atingiram Maria Cândida, na nuca e nas costas. Morreu na hora. Atingida num braço, Patrícia escondeu-se no quarto, enquanto outro irmão, que também lá estava em casa, se assomava à janela a pedir socorro. Vestido de camuflado, o homem pôs-se em fuga num Audi A3, que abandonou no Alentejo. Entregou-se às autoridades 12 horas depois, em Castelo Branco. O resto da família mudou-se logo a seguir.

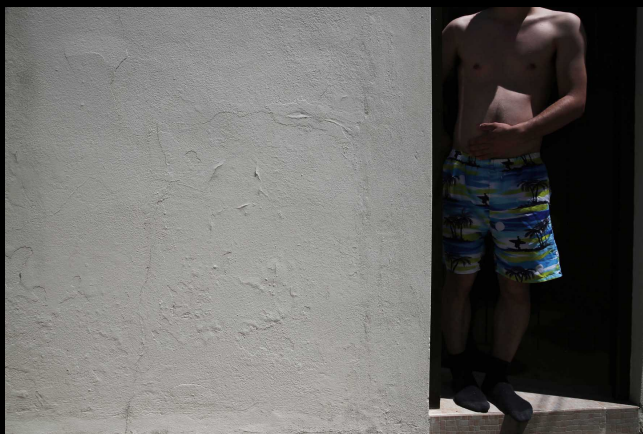


15 de abril
JOANA NOGUEIRA
23 anos
Alijó

Os tiros eram para Marta, 21 anos, mas acabaram por atingir a prima, Joana. Estavam as duas a começar mais um dia de trabalho na Pastelaria Princesa do Douro, perto da estação ferroviária do Pinhão, Alijó, quando, cerca das 7 horas, foram surpreendidas pelo antigo namorado da primeira, Manuel Monteiro, 38 anos. Armado, e consumido pelo ciúme, disparou várias vezes na direção da ex-namorada, ainda nem se sabia que já tinha telefonado à mãe dela a avisar.

Acabou por atingir Joana, a prima, que morreu na hora. Marta seguiu para o hospital, onde esteve algum tempo em risco de vida, e só saiu meses depois.

O agressor andou fugido 40 quilómetros, até se entregar à polícia, em Vila Real. “A princípio, pensei que fosse uma explosão na zona do fabrico dos bolos”, desabafa um vizinho. “Alguma vez se imaginava isto?”



17 de Abril
DEOLINDA BELTRÃO
66 anos
Matosinhos

Deolinda morreu em casa, numa vila com o seu nome, um conjunto de casas antigas, no centro de Matosinhos. Já a morte do marido, António Beltrão, 72 anos, só foi declarada horas mais tarde, no Hospital de São João, no Porto. O funeral do casal – deixa três filhos, todos maiores – acabou por ser realizado em conjunto, dias depois. Para os vizinhos, não há dúvida: “Foi um ato de compaixão: ele andava sempre com ela de carro e ia levá-la ao hospital quando era preciso.” Deolinda tinha um tumor cerebral, estava acamada e dependente do marido desde que fora operada, no ano passado. O homem deixou mesmo uma carta à família a explicar-se: não conseguia viver sem ela. A casa já tem novos inquilinos.



28 de abril
SÍLVIA LIMA
FÁTIMA LIMA
Póvoa de Varzim

“O café do massacre? Fica em frente ao edifício da junta.” Estamos na freguesia de Estela onde quatro pessoas foram assassinadas a tiro quando se encontravam no café da família. Inconformismo com um divórcio, e outros diferendos sobre a divisão de bens, terão levado Paulo Silva, 44 anos, a disparar sobre a ex-mulher, Sílvia Lima, 42, e ainda o enteado Renato, 23, e os ex-sogros. Emigrados em França até há cerca de 15 anos, Fátima e Domingos Lima, 66 e 65 anos, respetivamente, tinham vindo na maré dos funerais, conta o Sr. José e a D. Maria, no varandim da casa do lado.

Regressados dos arredores de Paris, nem imaginavam que a filha se tinha envolvido com o filho de Abílio da Silva - o mesmo que, na véspera do Natal de 1980, começara por abater um vizinho e acabara a executar a mulher porque ela ameaçara denunciá-lo. Esquartejou-a e enterrou os pedaços. Ficou conhecido como o Monstro do Cacém, nos arredores de Lisboa, onde então morava. O filho Paulo tinha então 10 anos.

Nunca mais quis ter contacto com o pai e chegou a dizer que, por aquilo que viu, seria incapaz de ser violento. Confrontado com o seu ato, pôs-se em fuga. Acabou por ser detido em Valença.



14 de maio
ISABEL DE JESUS
51 anos
Arcos de Valdevez

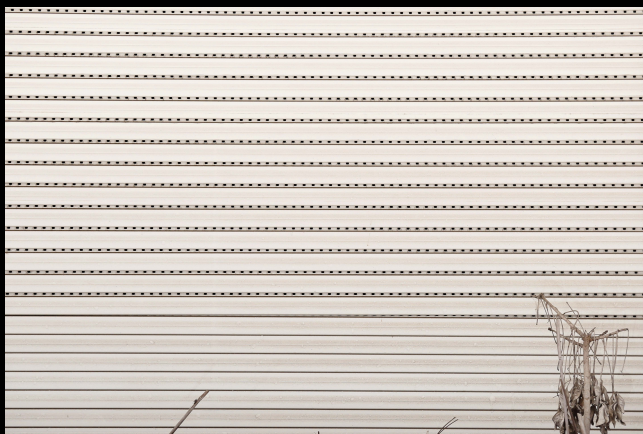
Depois de anos de agressões, segundo a família de Isabel, a mulher morreu com uma faca espetada no peito, na casa que dividia com o marido, no lugar de Reboreda, Rio de Moinhos, em Arcos de Valdevez. Às autoridades, Paulo, o marido, garantiu sempre estar inocente. Ao pai da vítima, acrescentou: “Ela matou-se.” O irmão de Isabel não tem dúvidas: “A minha irmã teve foi uma vida de pancada.” No quintal há roupa estendida, mas de casa ninguém responde. “Há muitos dias que não o vejo, nem quero”, atira entretanto D. Conceição, vizinha de umas ruas acima, a lembrar as muitas histórias de álcool a mais e educação a menos entre os dois. “Ele passava a vida a pô-la na rua e a dizer-lhe para ir para casa da mãe. Ela não ia...”



28 de maio
ÂNGELA FARIA
31 anos
Faro

'Entras no beco e ficas à toa'. Os *grafitis* nas paredes que circundam as traseiras do restaurante À Alentejana, no centro de Faro, parecem anunciar a tragédia. Segue-se o relato de Mariete, a dona do café, que viu tudo: ele entrou, foi ao balcão e pediu um café. Ângela, sua ex-mulher, mas de quem ele não aceitava a separação, atendeu o cliente do lado e refugiou-se na cozinha. "Não tenhas medo, aqui não te acontece nada", sussurrou-lhe a patroa, a procurar sossegá-la. O homem foi ao carro e voltou de espingarda ao ombro, para logo de seguida atirar duas vezes sobre a rapariga: um tiro acertou no braço, outro na anca. A seguir, mandou sair o resto da clientela para ainda disparar mais quatro vezes sobre o corpo dela, caído no chão. O resto da história é conhecido: Ângela Faria, 31 anos, ainda foi transportada para o hospital, mas não resistiu.

O autor dos seis disparos, que viera de Matosinhos, ficou depois à porta do restaurante à espera da PSP e foi detido sem oferecer resistência.



3 de junho
MARIA DE LURDES DA SILVA
78 anos
Oeiras

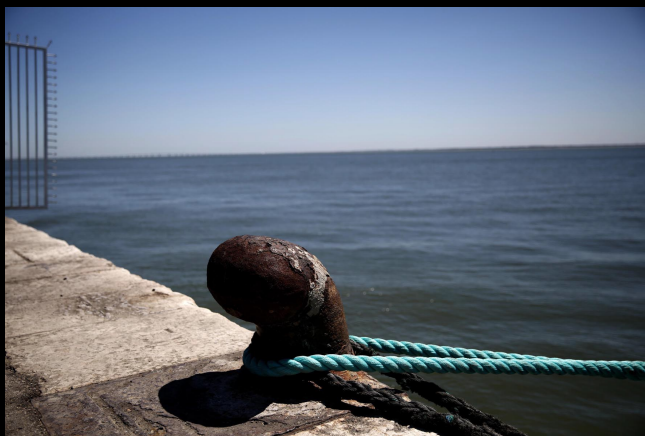
Um prédio insuspeito como qualquer outro, em que apenas sobressaem os estores completamente em baixo e as plantas, secas, um quadro de natureza morta. Foi ali, no 1º esquerdo de uma rua do bairro de Miraflares, Oeiras, que Humberto Cartaxo, um ex-militar de 80 anos, um dia resolveu acabar com o sofrimento da mulher, Maria de Lurdes, 78 anos, e do seu, com um tiro em cada um. Gravemente doente, a mulher estaria quase num estado vegetativo – e ele não saberia viver sem ela. “Viu aquele filme chamado Amor?”, questiona-nos a mulher da farmácia mais próxima. “Foi isso, para mim foi um ato de compaixão!” O casal foi encontrado morto a meio da tarde, pela empregada.



19 de junho
MARIA DO CÉU BRITES
59 anos
Leiria

De pé, junto à porta de zinco da casa, na localidade de Coimbrão, D. Maria lembra-se bem do dia em que o marido, José, lhe chegou a casa aflito: “Está ali um casal morto, no meio do pinhal.” Os corpos estavam dentro do carro, ela descomposta da cintura para baixo, ele com o frasco de veneno aos pés. Céu e Rui Brites, os dois com 59 anos, estavam afogados em dívidas e desaparecidos há mais de um dia. No início daquela semana, a casa que tinham na localidade de Martinela, a menos de 40 quilómetros, fora penhorada devido às dívidas acumuladas, alimentando a fúria do homem, testemunhada pelos vizinhos.

“Olhe que até fomos à terra deles saber mais sobre o caso, não nos saia da cabeça”, segue a mulher, enquanto os olhos de José não conseguem esconder as lágrimas. “Depois, o irmão dele contou-nos que fora o desespero que o levara aquilo.”



22 de junho
MARIA BEATRIZ COSTA
58 anos
Lisboa

Ele era um sargento da Marinha reformado, 60 anos; ela, uma técnica administrativa que exercia funções na Capitania do Porto de Cascais. Seguiam os dois no carro que um grupo de jovens assegurou à polícia ter visto cair ao rio, junto ao terminal de contentores de Santa Apolónia, Lisboa. O som de três tiros e os gritos desesperados de uma mulher alertaram o grupo, que se divertia no terraço da discoteca Lux, ali ao lado. Eram de Maria Beatriz, mãos e pés amarrados, no banco de trás do Opel Corsa do namorado, António Almeida. Em segundos, o carro entrou pelo Tejo adentro, com o militar ao volante. De manhã, os mergulhadores retiraram primeiro o corpo do homem e içaram o carro. Só depois encontraram o cadáver da mulher, que estava no banco de trás.



23 de julho
MARINHA GONÇALVES
45 anos
Ermesinde

A única varanda com vasos, naquela rua do centro de Ermesinde, pertence à casa da irmã de António Reis, que se mudara para lá quando se separou, mas agora está vazia. “Ela quer alugar o apartamento, depois da tragédia nunca mais conseguiu viver lá descansada”, conta uma vizinha. O drama de que fala ocorreu numa noite em que Renato, o filho de 5 anos de António e Marinha Gonçalves, suplicou à mãe para ir com ele ao encontro do pai porque não queria ir sozinho. António insistiu para que fossem passear só os dois, mas como a criança não queria o homem sacou da arma e disparou à queima-roupa. A mãe correu em seu auxílio, acabou também por ser baleada, morreram os dois horas depois.

Depois dos disparos, o homem meteu-se no carro e fugiu, mas acabou por ser apanhado na madrugada seguinte na casa de familiares, em São Mamede de Infesta. Devido de imediato, quando soube que o filho também morrera, suicidou-se. Marinha já tinha apresentado várias queixas e chegara mesmo a contactar um advogado.



29 de julho
ANA ALVES
51 anos
Mafra

“Ela tinha aqui vindo buscar os seus pertences e já se tinha mudado para Sintra, desde a separação. Mas ele nunca se conformou. E foi isto”, resume a vizinha da frente da casa de José Afonso, pedreiro de 48 anos, que não aceitava que a ex-namorada, Ana Alves, empregada de escritório, tivesse resolvido ir à vida dela. A pequena vivenda cor-de-rosa, na localidade de Rólia, permanecia fechada no final do verão – mais ou menos desde a noite em que ocorrera o homicídio, seguido de suicídio. Eram ambos divorciados e tinham também filhos, mas todos já adultos. “Vêm aqui só dar comida ao cão”, remata a mulher.



6 de agosto
ANABELA PEREIRA
38 anos
Charneca da Caparica

Uma vivenda cor-de-rosa, uma cadeira de baloiço na varanda e uma andorinha a enfeitar a porta de casa. O número 1 da Praceta do Cruzeiro mantém as janelas abertas, apesar do sinal de stop colado à entrada. “Quando eles as matam, fecham o ciclo”, atira a adivinhar o vizinho da frente, que anda no quintal a apanhar ervas daninhas. Anabela, mulher que sofrera uma amputação de uma perna há uns anos, fruto de um erro médico, já tinha apresentado queixa por violência doméstica. Ainda anuiu a retirá-la, mas como mantinha a decisão de se separar, a tragédia não demorou: Augusto Borges, 38 anos, tinha ido buscar as suas coisas, mas perdeu a cabeça e asfixiou-a com um lençol. A seguir ligou para o posto da GNR a entregar-se. O casal tinha dois filhos, de 11 e 20 anos – mas, junto ao portão, só se ouvem cães a ladrar. “São do filho mais velho que ficou com a casa”, confirma o tal vizinho. O mais novo está a cargo de uns tios.



20 de agosto
AIDÊ SANTOS COSTA
41 anos
Anadia

O espelho da porta daquele prédio insuspeito, numa rua central em Sangalhos, Anadia, não deixa adivinhar o drama que se viveu ali, de manhãzinha, ainda os vizinhos não tinham ido para o trabalho nem as crianças para a escola. Pelas 7 e meia da manhã, um homem dirigiu-se ao apartamento onde a ex-companheira morava com o atual namorado. No meio da discussão, no hall do prédio, atingia-a com uma faca e deixou-a estendida no chão. Depois, entrou dentro da casa e deu mais três facadas nas costas do outro homem, de 43 anos. Alertados pelos gritos, os vizinhos já só encontraram a mulher estendida na entrada, a porta fechada e pegadas cheias de sangue até à saída do prédio. O autor confesso do crime, de 48 anos, entregou-se ao início da tarde na PSP de Oliveira do Bairro, onde vivia. A mulher estava grávida.



18 de setembro
MARIA JOSÉ CORDEIRO
52 anos
Bombarral

“A Zé era-nos muito querida, gostávamos muito dela”. Lígia, diretora do Lar Nossa Senhora de Fátima, na aldeia de Delgada, não demora muito a desfazer-se em lágrimas, inconformada com a morte da empregada. Maria José vinha do nada, tinha uma filha de 15 anos a seu cargo e ainda tomava conta da mãe. “Tinha uma vida difícil mas mesmo assim andava sempre bem-disposta.” Há dois anos arranjava aquele namorado, que ia sempre levá-la e buscá-la ao trabalho. “Quem o ouvisse falar, nunca imaginaria este final”, prossegue. Naquele verão, pela primeira vez tinham ido de férias os dois, mais a filha dela, mas voltaram zangados. “Ele queixava-se que a miúda se metia no meio deles.” A outra versão é que a miúda o terá visto a empurrar a mãe e foi queixar-se a um tio, que pressionou a irmã a fazer queixa na GNR. No dia seguinte, o homem esperou que o turno da mulher acabasse, perto da meia-noite, e esfaqueou-a até à morte. Depois, meteu o corpo na bagageira do carro e entregou-se à PSP das Caldas da Rainha. A irmã do homicida, de 54 anos, ligou no dia seguinte à diretora do Lar em que Maria José trabalhava e acabou a confessar-lhe que ele já tinha estado preso por violência doméstica: tentara matar uma outra mulher com um fio de pesca.




27 de setembro
MARIA JOSÉ MAGALHÃES
58 anos
Paço de Ferreira

“Tenho lá uma moto velha com gasolina. Qualquer dia pego-lhe fogo e mato a minha mulher.” Bernardino Magalhães, um marceneiro de 60 anos conhecido como Dino, dizia isto amiúde no café de Penamaior, uma freguesia com pouco menos de quatro mil habitantes. Quem o ouvia, logo lhe dizia: “És tolo, a seguir vais preso.” A verdade é que Maria José já tinha pedido o divórcio, mas ele recusava-se a assinar os papéis - e as discussões eram frequentes. “O pai dele vivia lá em casa e dava dinheiro à nora, para ela lhe comprar os medicamentos. Mas o Dino queria o dinheiro para ir às mulheres da vida...”, continua o empregado do café. Uma semana antes de ser morta, Maria José tinha feito queixa na GNR, mas fora avaliada como vítima de baixo risco. Naquele domingo de manhã, os vizinhos, alertados pelo fogo, arrancaram as grades de uma janela da casa, mas já não chegaram a tempo de a salvar. Foi encontrada com uma meia de vidro na boca, amarradas e com sinais de agressão. Bernardino foi encontrado no dia seguinte a deambular no centro da Trofa, e ficou detido.



12 de outubro
GRACINDA CARIA
67 anos
Sabugal

Uma aldeia quase colada a Espanha, uma casa com pintura nova, um cadeado a fechar o correio, outro no portão e um pedaço do corrimão da casa com arame farpado. A vivenda tem ainda um canteiro pequeno cheio de salsa e um estendal vazio. Um carro vermelho com uma mulher ao volante para à nossa frente. Os olhos enchem-se-lhe de lágrimas. “Não vale a pena remexer o assunto, custou-nos muito”, conta a familiar. Gracinda vivia em França com Manuel Pina há 20 anos. Quando ela lhe disse que queria voltar, as desavenças subiram de tom, já que ele preferia continuar onde se tinham instalado, na zona de Toulouse. Como ela não foi ao seu encontro, depois do verão na aldeia do Soito, foi Manuel que veio à sua procura, acabando por alvejá-la na cabeça. Ainda regressou a França, mas quatro dias depois, disparou contra si. A caminho do hospital, confessou o crime. Acabou por não resistir aos ferimentos.



4 de novembro
LAURA RIBEIRO
56 anos
Valongo

A casa ainda em cimento, numa rua secundária de Baiselhas, revela que ali se pensava num recomeço. Mas separada há dois meses de José Maria Ferreira, 42 anos, operário da construção civil, Laura Ribeiro, 56 anos, nunca mais teve sossego – e quando ele a viu com outro homem, a tragédia não demorou. No café, nessa mesma noite, o próprio anunciou: “Matei a Laura com um barrote”. Como ele costumava mentir muito, ninguém acreditou. Funcionária da equipa de jardinagem da autarquia de Valongo, a mulher tinha três filhas de um anterior casamento. Estranhando não ter notícias da mãe nos últimos dias, foi um deles que deu o alerta. Detido pela Polícia Judiciária do Porto, o ex-marido da vítima admitiu que os ciúmes foram mais fortes que ele.



25 de dezembro
FILOMENA TEIXEIRA
42 anos
Armamar

O sítio chama-se Santa Cruz e há cruzeiros por todo o lado - mas não foram suficientes para manter a harmonia, nem mesmo na noite de Natal. Pelas 10 da noite, um homem, de 40 anos, atirou de caçadeira sobre a mulher e suicidou-se em seguida. Foi a filha mais nova, de 15 anos, e que ainda vivia com eles, que foi bater à porta de uma vizinha a pedir ajuda.

“Acudam, que o meu pai matou a minha mãe.”

À porta da junta de freguesia da terra, Ana, sobrinha da vítima, mal consegue esconder as lágrimas quando lhe perguntamos pelas primas. Liliانا, de 21 anos, a mais velha, está a trabalhar em Lisboa, Sofia, a outra, em sua casa. “Foi ela que escolheu: o meu pai é o seu padrinho.” Não são conhecidos os motivos da desavença, o caso está entregue à Judiciária de Vila Real.



28 de dezembro
MARIA DA LUZ MENDONÇA
45 anos
Sacavém

Passavam poucos minutos das dez da manhã quando se ouviu uma explosão junto do parque de recolha das viaturas da Rodoviária, em Sacavém, Loures.

Era ali que Maria da Luz trabalhava, nas limpezas. Separado dela há uns meses, António Machado, 60 anos, não se conformava. Naquele dia, foi esperá-la à saída do turno, disparou vários tiros na sua direção e em seguida lançou-lhe uma granada. Taxista com experiência militar, suicidou-se em seguida. Detrás do balcão do café Trancão, do outro lado da estrada, Célia Gomes confirma que a mulher já se tinha queixado: “Qualquer dia sou eu a fazer notícia de primeira página, dizia-me.” Dois motoristas ali sentados lembram que, uma outra vez, um colega parara o autocarro ali perto para a socorrer, ao vê-lo agredi-la na rua. “Até lhe perguntámos: já pediste ajuda? É que o melhor teria sido ela mudar de lugar, de vida, em vez de se esconder na casa de uma tia. E ao mesmo tempo era ela que continuava a pagar a casa em que ele continuava a viver e de onde se recusava a sair.” Deixa duas filhas, uma menor de idade.

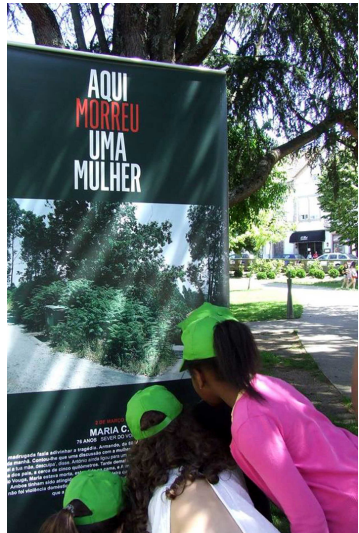
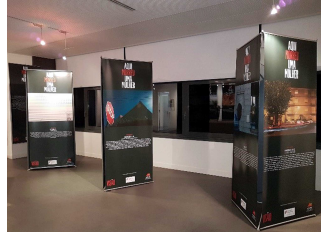
De 24 de outubro de 2016 a 29 de junho de 2018 a exposição aqui retratada esteve patente em 13 localidades, envolvendo 26 entidades. Este trabalho foi já mostrado em:

Fundação Montepio - Atmosfera M (Porto);
Câmara Municipal de Viana do Castelo;
Câmara Municipal de Guimarães;
Agrupamento Escolas de Arga e Lima (Lanheses - Viana do Castelo)/AJDeão;
Agrupamento de Escolas de Ponte de Lima;
Câmara Municipal de Sintra/CPCJ Sintra;
Amnistia Internacional Peniche;
Ecogerminar / Amato Lusitano / Fórum Castelo Branco (Castelo Branco);
Amnistia Internacional - Núcleo de Viseu em parceria com NAVVD - Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica - Viseu | Obras Sociais do Pessoal da Câmara Municipal e dos SM de Viseu | UMAR Viseu - União de Mulheres Alternativa e Resposta | Redes de Jovens para a Igualdade | A Voz do Rock e a APPR - Associação de Proteção de Pessoas em Risco;
Câmara Municipal de Paredes;
PRAVE - Associação de Promoção de Albergaria-a-Velha/CLDS 3G "Albergaria Integra 'T'";
Câmara Municipal da Póvoa do Varzim/Rede Social;
Câmara Municipal de Oliveira do Hospital.

Esta exposição documental continua a responder a pedidos para ser partilhada com as populações. Continua a circular de acordo com um calendário que inclui, para já, os concelhos de Ferreira do Alentejo, em outubro estará em Odemira e depois em Cantanhede e em novembro de 2018 percorre ainda os concelhos de Belmonte, Fundão e Covilhã.

Escolas, municípios e outras entidades interessadas em receber a **Exposição Aqui Morreu Uma Mulher** devem contactar:

ANIMAR - Associação Portuguesa
para o Desenvolvimento Local
Av. Santos Dumont, 57 - 1º esq.
1050-202 LISBOA
Telef.: 21 952 74 50/1
celia.lavado@animar-dl.pt





animar
Associação Portuguesa para
o Desenvolvimento Local

